

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A TribunaClass.: 133Data: 01.04.84

Pg.: \_\_\_\_\_

## O povo e os índios

190

Vicente Cascione

Temos visto as imagens dos índios do Parque do Xingu, armados de facões e bordunas, preparados para a guerra.

Até esta mulher, de face bravia, aleitando o indiozinho no peito farto, empunha e brande a faca com seu braço erguido.

Estou certo de que a ninguém intimida a insurreição dos duzentos indígenas do Xingu prontos para mais uma guerra em que serão, na repetição histórica dos fatos, mais uma vez, derrotados.

No processo de extermínio imposto pela civilização colonizadora restou os sobreviventes esparsos e dispersos, ou a condição humilhante de viver na marginalização e na miséria, *a latere* das chamadas comunidades urbanas, ou a alternativa do confinamento, cada vez mais restrito, em reservas e parques aparentemente longínquos, a princípio.

Mas os tentáculos da civilização ambiciosa se alongam e acabam alcançando os territórios indígenas, cuja presença incômoda deve ser removida.

Impotentes, tentam resistir a cada investida com a fragilidade de suas precárias armas, com sua coragem atávica, com a fibra guerreira que lhes flui nas veias. Porém, a história apenas registra a sina de terem sucumbido, sempre. Inevitavelmente.

Por isso, a ninguém comove o drama dos índios, a ninguém intimida sua rebeldia, ninguém lhes escuta a voz e os vãos argumentos, ninguém lhes reconhece os direitos, cujos limites, as leis mortas apenas traçam e determinam nos textos e no papel.

Sobre o estigma dos gentios — povo original desta terra — parece desenhar-se o perfil histórico desta Nação e de sua gente, cujo destino é a limitação da saga indígena.

Para a civilização e para os governos, os índios nada significam. Apenas existem, enquanto existem.

Pois, para os governos e governantes, para os que detêm o poder institucional ou políticos, e até para aqueles que o ambicionam ou o disputam, o povo também nada é.

A ótica com que se enxergam estes índios andrajosos de facões e bordunas nas mãos, é a mesma com que o povo é visto, pela maioria dos detentores e disputantes do poder.

O povo é o jegue em que montam para cumprir o percurso de suas jornadas no rumo do despotismo.

O povo é o mar que agitam e fazem bramir quando pretendem parecer fortes.

O povo é o rebanho que confinam ou tângem, de acordo com suas próprias conveniências ou interesses.

O povo é o pretexto, em nome do qual comerciam ou impõem demagogicamente, suas ambições.

O povo é a bandeira que empunham, fantasiosamente, até o momento da conquista dos espaços pretendidos.

O povo é esta realidade incômoda e impertinente — para quem conquistou o poder direta ou indiretamente, por imposição ou pelo voto — afinal, o povo reivindica, cobra, exige, critica, censura e julga.

Mas como os indígenas o povo quase sempre sucumbe, ou traído por aqueles que em seu nome assumiram o poder, ou oprimido pelos que, sobre ele, passaram com a força bruta e a prepotência de suas patas incontidas.

As lideranças autênticas e espontâneas são abortadas ou, se nascem, não escapam à ceifa dos inimigos íntimos que integram o clube fechado da política e do poder.

Mesmo quando se dá ao povo, por concessão caridosa, o direito de ir às urnas, vê-se ele diante das cartas marcadas de regras e nomes, impostos de cima para baixo, neste viciado processo político e de politicalha em que os próprios partidos são, no fundo, herméticos, inacessíveis, e não contém nem expressam uma verdadeira e autêntica representação popular.

Persiste e persistirá, para o povo, a inevitável condição de ver-se obrigado a eleger, quando vai às urnas, o menos ruim.

Portanto, mesmo diante da eventualidade de uma eleição direta, de uma autonomia conquistada, o povo não vota de alma leve, podendo escolher entre os mais dignos, competentes, probos, capazes, idealistas, líderes de verdade, aquele que for, entre os melhores, o melhor.

Diante do quadro político que aí está, deteriorado por tradição e herança histórica, neste infelizmente País, o povo está como os índios do Xingu. Inutilmente, com as bordunas na mão. Na guerra inglória de sempre.